

MEDO DOS MORTOS E DOS VIVOS IMPRENSA, RAÇA E SENSACIONALISMO EM FAITS DIVERS DE PRODÍGIOS (NO BRASIL), SÉCULOS XIX E XX

 Valéria dos Santos Guimarães^{1,2}

RESUMO

Este artigo tratará de *faits divers*, novo gênero do jornalismo surgido no alvor da modernização da imprensa, especialmente daqueles que retomavam a matriz dos prodígios, eventos sobrenaturais que foram reelaborados no contexto da discussão sobre o curandeirismo e da expansão do espiritismo kárdeca, e que ganhou crescente abordagem racista na sociedade brasileira da passagem do século XIX para o XX. As histórias de fantasmas e casos fantásticos encontravam respaldo em uma remota tradição e eram apresentadas como eventos reais e plausíveis pelo noticiário de escândalos. A metodologia consistiu na escolha de alguns exemplos extraídos de séries formadas por crônicas de mesmo tema que, analisadas ao longo do tempo, revelam aspectos estruturais e históricos. A abordagem teórica é largamente tributária da nova história da cultura, especialmente das propostas de Michelle Perrot e Marc Ferro para a análise dos *faits divers*.

PALAVRAS-CHAVE

História da imprensa - João do Rio (Paulo Barreto) - Espiritismo;
Curandeirismo - Cultura popular

¹Universidade Estadual Paulista - UNESP, São Paulo, Brasil.

²Departamento e Programa de Pós-Graduação em História, FCHS, Unesp. Esta pesquisa recebeu fomento da FAPESP. E-mail: valeria.s.guimaraes@unesp.br.



THE FEAR OF THE DEAD AND THE LIVING - PRESS, RACE AND SENSATIONALISM IN PRODIGY FAITS DIVERS (IN BRAZIL), 19TH AND 20TH CENTURIES

ABSTRACT

This article will deal with *faits divers*, a new genre of journalism that emerged at the dawn of the modernization of the press, especially those that took up the matrix of prodigies, supernatural events that were reworked in the context of the discussion about witchcraft and the expansion of Kardecist spiritism, and which gained a growing racist approach in Brazilian society from the turn of the 19th to the 20th century. The stories of ghosts and fantastic cases were backed up by a remote tradition and were presented as real and plausible events by the scandal news. The methodology consisted of choosing some examples taken from series made up of chronicles on the same theme which, when analyzed over time, reveal structural and historical aspects. The theoretical approach is largely based on the new history of culture, especially Michelle Perrot and Marc Ferro's proposals for analyzing *faits divers*.

KEYWORDS

History of printed press - João do Rio (Paulo Barreto) - Spiritism - Witchcraft - Popular culture

Recebido em: 01/04/25 – Aprovado em: 19/07/2025

Editora responsável

Adriana P. Campos



Introdução

Há uma relação intrínseca entre as seções de escândalo de jornais e revistas com a formação da sociedade midiática. A partir do século XIX a sociabilidade cada vez mais se constituía em torno dos periódicos impressos, uma verdadeira “civilização do jornal”, com as publicações conformando o cotidiano e difundindo comportamentos e modos de vida. E as páginas que melhor retratavam a vida comum eram precisamente as de *faits divers*, expressão francesa que define no jargão do jornalismo os efêmeros acontecimentos do dia, combinando a fantasia típica da narrativa popular tradicional com a seriedade da notícia.³

Crimes, prodígios e eventos banais do cotidiano cobriam as páginas de sangue, fantasmas e muitos incêndios, terremotos, enchentes e tudo o que dizia respeito à rotina da crescente população da urbe que já não poderia contar exclusivamente com a comunicação de matriz oral. Quanto maior for a cidade, mais *faits divers* se perdiam nas colunas estreitas dos diários e as narrativas mirabolantes, sempre em tom superlativo, atraíam a atenção e ajudavam a memorizar tragédias e eventos espetaculares que alimentariam a conversação do dia, para tempos depois caírem no esquecimento.

Este artigo tratará deste novo gênero surgido no alvor da modernização da imprensa, especialmente daqueles *faits divers* que retomavam a matriz dos eventos sobrenaturais para reelaborá-la no contexto da discussão sobre o curandeirismo e da expansão do espiritismo kardecista, o que ganhou crescente abordagem racista na sociedade brasileira da passagem do século XIX para o XX. Uma história de fantasmas, mas também de feiticeiros, médiuns e espíritas, de medo dos mortos, mas que diz muito mais sobre o medo dos vivos, dos seus conflitos e aflições.

O conteúdo dos jornais e revistas comerciais de grande circulação nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo na passagem do século XIX para o XX revelava um crescente espaço ao entretenimento. Anúncios iam de livros, folhinhas, calendários e almanaques aos espetáculos teatrais

³ Kalifa et al., 2011.

e cinematográficos. Novas máquinas ligadas à diversão eram oferecidas a quem pudesse comprar: estereoscópios, máquinas fotográficas, gramofones, fonógrafos, máquinas de escrever, telefones, etc. As revistas ilustradas faziam questão de ostentar a modernidade das maiores cidades do país se utilizando de todos os recursos tecnológicos disponíveis para levar ao leitor uma imagem tão sofisticada quanto eram os aparelhos que as captavam.⁴

Parte desta representação era forjada nos modelos estrangeiros, principalmente europeus, uma forma da elite se legitimar como camada supostamente superior frente à população mestiça e formular planos para a nação engatar no almejado caminho do progresso. O que se vê nos periódicos nada mais era que a projeção de uma elite que se autorrepresentava como moderna e que encontrava no aparato tecnológico e nas referências que vinham de seu principal modelo de civilização, Paris, mas também Londres e Nova Iorque, formas de expressão de seu poder econômico e cultural. Esse mecanismo se complementava pelo seu oposto, a representação do pobre como a antítese da civilização.

De outro lado, muitos dos resultados dos progressos tecnológicos eram sentidos no cotidiano da população que frequentava as cidades mais urbanizadas, independentemente da posição social. Os mais evidentes deles eram os resultados das reformas urbanas em cidades latino-americanas em constante mutação, com a exibição das largas avenidas inspiradas nas reformas *haussmannianas*, praças ajardinadas e passeios públicos abertos ao *footing* e à *flânerie*, todos devidamente iluminados pela eletricidade que a tudo deixava com ares modernos. Tão concretos quanto a reforma urbana, eram os resultados dos progressos dos novos meios de transporte, como o trem, o automóvel ou o bonde elétrico que, ao encurtarem as distâncias, aceleraram o tempo e introduziram o cidadão de início do século XX no ritmo pulsante da modernidade. O espírito que animava este organismo urbano também se manifestava nos novos meios de comunicação de massa, principalmente na atividade da impressão periódica que, com sua rapidez, lançando as notícias

⁴ Existe uma enorme bibliografia sobre o tema, dos quais se destacará apenas: Padilha, 2001, p. 14; Sussekind, 1987.

frescas mais de uma vez por dia à população, traduzia bem este clima efervescente.⁵

Neste momento de transição pela qual cidades como Rio de Janeiro e São Paulo passavam, uma gama variada de tipos urbanos coabitava as regiões centrais, onde a vida comercial ganhava um dinamismo sem precedentes. Os *faits divers* revelavam a estes cidadãos a diversidade do novo espaço público e localizavam os leitores na nova topografia urbana que se transformava a cada dia, sob o efeito vertiginoso de reformas higienistas e especulação imobiliária que visavam, justamente, atuar na segregação social simbólica.

Atuando sobre o aspecto caótico que toma essa nova organização, o jornal visa dar coerência ao conjunto de informações desconexas. E nele os *faits divers* vêm associados tanto ao entretenimento, às variedades, quanto ao componente desviante que exerce, desse modo, uma função restauradora da ordem ao ter na figura normativa das autoridades (policiais, médicas ou científicas) seu contraponto moral.

E como lugar da observação social, a imprensa também oferecia ao cidadão desta época a *flânerie* por meio das imagens que colocava em circulação: o passeio sem rumo pela cidade, agora disponível nas páginas dos jornais ou das revistas, em textos detalhistas, em ilustrações ou em fotografias, satisfazendo a ânsia de ver e ser visto, mania que tomou conta desta sociedade fascinada pelo realismo.⁶

Não se pode definir o *fait divers*, ou o sensacionalismo em geral, apenas como um produto cultural do entretenimento. Por trás da engrenagem do espetáculo, há a autopromoção de órgãos de informação que se escondem sob a aparência de prestação de serviços, afinados aos interesses de grandes grupos políticos que regem seu funcionamento empresarial, os quais impõem seus próprios projetos de hegemonia.⁷

Mas por se encontrarem na fronteira dos textos de evasão, como o folhetim ou o teatro de *vaudeville*, os *faits divers* se inserem na lógica do

⁵ Sarlo, 2020; Sevcenko, 1998.

⁶ Schwartz, 2010, p. 337.

⁷ Campbell, 2001.

mundo do espetáculo que surge com a verdadeira obsessão pelo lazer que floresce junto à modernidade a qual, por sinal, é acompanhada pela fixação pelo real, pela narrativa detalhista, pela reconstrução da cena em seus menores detalhes – o que o gênero responde muito bem, até por se apresentar como notícia. O processo que molda o imaginário dessa época chega ao seu auge com a fotografia e o cinema, não por acaso ambos em completa sintonia com temas e linguagem dos *faits divers*.

As representações produzidas pela imaginação não são abstratas. Elas agem concretamente na sociedade, na sua autocompreensão e na sedimentação de seus valores. O imaginário difundido pelos *faits divers* forma, então, um conjunto coerente e integrado, embora complexo e flutuante, relacionado ao novo contexto em que os produtos culturais ganhavam outra dimensão, uma vez que difundidos massivamente. Fazendo a ponte entre as referências bem assentadas na cultura popular tradicional e a nova realidade técnica, o jornal e, em especial, os *faits divers*, estão no centro da difusão deste *ethos* do espetáculo e da celebridade.

Outro ponto importante é como este tipo de narrativa se torna um bom parâmetro para medir os valores e medos da sociedade. Não é a dominação de classe que se quer destacar (malgrado essa possa estar contida em seu discurso moralizante e politicamente manipulador), mas a difusão dos valores da modernidade e dos ideais de civilização de uma leitura voltada para o maior número de leitores, popular. E no afã de tudo registrar, visa tornar acessível em seus menores detalhes o espetáculo de drama (e comédia) do prodígio, do crime ou da vertigem do pulsante cotidiano. Uma leitura que quer, enfim, atingir a todos, prendendo a atenção. E, se for necessário, antes divertir do que informar.

Cultura de Almanaque

A palavra prodígio alude ao anormal e ao antinatural. São fenômenos não explicados pela razão, estão fora da natureza, como os eventos ditos sobrenaturais. Prodígios são entendidos como desvios e ocorrências anormais, caso de aberrações como o nascimento de gêmeas siamesas e doenças tidas como bizarras, sejam físicas ou psicológicas. Outro significado passa pela característica do fenômeno fantástico, do extraordinário e do excessivo.

Durante o século XIX, os *faits divers* sobre prodígios que apareciam na imprensa brasileira eram mais próximos da herança da cultura popular tradicional. As histórias de fantasmas e casos fantásticos encontravam respaldo nesta tradição e eram apresentadas como eventos reais e plausíveis. Aos poucos, os mesmos eventos foram contestados pelo olhar racionalizador que tendia a encará-los como algo pouco digno de crédito.

Mesmo sob o jugo da dúvida e do questionamento da razão, estas ocorrências continuaram a ter importância na composição dos *faits divers* e permaneceram moeda forte quando o sensacionalismo passou a usar de recursos sofisticados de apuração da notícia, racionalizando também esta narrativa, seja ao colocar os eventos sobrenaturais em xeque, seja em atestá-los como manifestações passíveis de comprovação científica.

A imprensa periódica sensacionalista brasileira se origina nas remotas seções de Variedades, Fatos Diversos, Notícias Diversas, Notas Policiais, Cenas de Sangue, Últimas ou Última Hora, presentes em diversos jornais brasileiros e em rubricas que vão se especializando como Crimes Sensacionais, Mundo dos Mistérios, Tragédias Sensacionais, Ocorrências da rua, etc.⁸

As colunas exclusivas de *faits divers* começaram a aparecer na imprensa periódica nacional com mais regularidade na passagem do século XIX para o XX, embora seja possível encontrá-las antes, como ocorreu com o *Courrier du Brésil* (Rio de Janeiro, 1854-1862), jornal em *faits divers* podiam ser encontrados soltos pelos jornais, confundidos com a crônica de variedades, folhetins, anedotas, o que os aproximava da linguagem do almanaque (como verificado em pesquisa sobre a imprensa em francês publicada no Brasil). No caso de prodígios, esta semelhança era ainda maior.

Espécie de calendários, os almaniques eram publicados desde os primórdios do surgimento da imprensa de tipos móveis no século XV e já eram produzidos nas oficinas de Gutenberg. Fases lunares, dias de santos, astronomia e astrologia eram seus temas principais. Com o passar

⁸ Para uma discussão sobre o conceito de *faits divers* e mais detalhes sobre as rubricas deste gênero encontradas na imprensa brasileira, ver Guimarães, 2014.

do tempo, além da parte prática e informativa ligada à dinâmica da vida rural, também traziam “histórias surpreendentes e curiosas, narrativas cômico-grosseiras”⁹, previsão do tempo, fenômenos celestes (cometas, eclipses), quadros estatísticos, horários de chegada/partida de navios, textos instrutivos ou moral-instrutivos e entretenimento. Segundo Jeroen Salman¹⁰, as três funções básicas do almanaque são “orientar, informar e divertir”.

Há vários tipos de almanaque, mas eles podem ser divididos praticamente em dois grupos, aqueles especializados em algumas funções, enquanto no segundo caso predominava a variedade temática, verdadeira encyclopédia popular. Serviam de guia civilizacional e moral, onde era possível obter ensinamentos sobre o comportamento em sociedade, de códigos morais à etiqueta. Em uma época em que a astrologia era levada muito a sério, no século XVII, as previsões dos almanaque influenciavam o debate político. A arte de curar pelas sangrias, pela purgação ou outros medicamentos estava devidamente referenciada em suas páginas, fazendo-o ocupar por séculos o consultório médico. Havia conselhos para a educação dos filhos ou de como combater os vícios suscitados pelo diabo. Ou ainda, provérbios, poesias com adaptações de obras literárias.

Mesmo os volumes mais especializados, de agricultura à literatura, comportavam um pouco de tudo. Eram conhecidos como publicações que não aprofundavam os muitos assuntos tratados. A abordagem superficial, muitas vezes com informação incompleta ou de qualidade duvidosa, vinha associada a um público leitor supostamente sem capacidade de decodificar textos mais sofisticados. Almanaque ficaram, assim, indelevelmente associados à leitura feita pelas camadas menos letradas da população, ou seja, a maioria.

De fato, almanaque foram os impressos mais populares no Ocidente depois da Bíblia¹¹. No Brasil, circulam desde o século XVIII e tiveram significativa expansão a partir do século XIX com a instalação de livreiros

⁹ Mollier, 2003, p. 17, tradução nossa.

¹⁰ Salman, 2003, p. 49, tradução nossa.

¹¹ Pereira, 2009, p. 34.

e editores na corte e outras cidades, sobretudo franceses, que usaram estratégias de publicação já consagradas em seu país. Como em outros lugares do mundo, os almanaque foram sucesso editorial, com tiragens bem superiores às de livros. Estes tinham, quando muito, uma impressão média de dois mil exemplares. Os almanaque chegavam, por seu turno, a cem mil exemplares. Mais baratos que livros e algumas revistas, tinham um conteúdo de interesse geral, além de publicarem folhetins, o que os fazia mais atraentes que outros produtos editoriais.¹² Utilizavam linguagem direta e familiar, apresentavam a parte prática e uma infinidade de textos que visavam os mais diversos interesses, inclusive a seção Variedades, cujo fim era sobretudo entreter com textos curtos de fácil e rápida leitura, incluindo *faits divers*.¹³ Disso decorre a expressão “cultura de almanaque”, imbuída de preconceito com uma prática de leitura considerada popular.

Não é de surpreender que os jornais noticiosos que surgiram nas primeiras fases da modernização da imprensa em princípios do século XIX, quando as folhas de cunho político-partidário e polêmico dão lugar à crescente demanda por informação, adotassem estratégias que os aproximassem dos almanaque, verdadeiros sucessos de vendas. Ou que utilizassem de sua linguagem para atingir um público familiarizado com o estilo. Seus temas podiam ser achados nos *faits divers* que difundiram uma verdadeira “cultura de almanaque” de jornal, carregando, assim, a boa aceitação do público, mesmo que vistos por leitores mais exigentes com “desconsideração enquanto um produto de importância cultural”¹⁴. Como neste suporte a informação não era diária e oferecia um *recueil* de temas variados, a seção Variedades ou Miscelânea parece ter sido a mais adequada também para a sobrevivência de gêneros mais ligados ao contexto rural e religioso. Sem preocupação em provar qualquer coisa, a informação do almanaque tinha a liberdade de circular pela anedota e pelos temas fantásticos, cuja função era exclusiva do entretenimento.

¹² Neves-Lopes, 2003, p. 187-188.

¹³ Sarrazin, 2003, p. 45.

¹⁴ Pereira, 2009, p. 45.

O *Diário de S. Paulo* (São Paulo, 1865-1878)¹⁵ não tinha *faits divers*, mas nele constava uma seção chamada *Miscelânea*, na qual foi publicada a anedota abaixo, reprise do jornal americano *European Mail*:

Diz um correspondente do European Mail:

Todo o mundo no Paraguai fuma, e todas as mulheres de mais de treze anos mascam. Não, não digo bem. Não mascam, porém metem o fumo na boca, aí o conservam constantemente, mesmo quando comem, e em vez de o mascar, viram-no de um lado para o outro e chupam-no.

Imaginai que ides prestar homenagem aos rabisudos lábios de uma deslumbrante Hebesinha, trajada de cetins e coberta de diamantes, e que ela vos empurra delicadamente com a mão esquerda, enquanto com a outra tira da boca um pedaço de fumo amarelo escuro de duas polegadas de comprimento, semelhante a um gorgulho monstro, e depois de depositar na aba de vosso sombreiro levanta o rosto e estende a trombinha mimosa para receber o beijo! Tenho muitas vezes visto estrangeiros de finíssima educação desviarem-se com um tremor de repugnância em conjectura tal, levando o epíteto de selvagens com que a beldade os mimoseava em razão de sua excessiva delicadeza...¹⁶

A anedota sobre as “Hebesinhas” paraguaiaias não tem qualquer valor informativo. Nem mesmo o mais ingênuo leitor defenderia que a nota soa como um alerta a rapazes incautos que quisessem beijar uma paraguaia. O escritor só queria entreter e só. Este é um exemplo bem característico da sobrevivência do estilo do almanaque nos jornais. Com o passar do tempo, serão estas as seções que publicarão os *faits divers* os quais ficarão contaminados pelos seus temas de aspecto curioso, como se verá a seguir.

Prodígios religiosos

Os temas referentes ao fluido mundo dos espíritos é um dos mais recorrentes em *faits divers* de prodígio. O tema do transcendental impõe

¹⁵ Fundado em 1865, inaugurou a primeira máquina de impressão de jornal em grande formato em 1874. Em 1878, fechou, e o moderno maquinário passou para o Correio Paulistano. Ver Sodré, 1999, p. 225.

¹⁶ *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 15 set. 1875.

a reflexão sobre o que há além das capacidades cognitivas do homem. Expõe sua fragilidade no universo, coloca em xeque seu saber acumulado por gerações. Mesmo com o crescente domínio da ordem racional sobre a natureza, o inexplicável continuava a fascinar, ainda que seguidamente posto em dúvida. Almas penadas, espíritos desencarnados, santos milagrosos aparecem ao lado de seus representantes na terra, como os médiuns, os feiticeiros, cuja representação oscila entre o benfeitor e o monstro. E de outro mundo também se afiguram aqueles que, personificando a tradição do messianismo, são representados como excepcionais no contexto da modernidade. O *fait divers* no Brasil acolhe estes temas sem conflitos e renova sua apresentação no novo contexto da cultura midiática.

Diferentemente dos sueltos (breves comentários espirituosos feitos para o jornal), tais casos eram narrados sob a aparência de informação. Em 1870, na seção Noticiário do diário *Correio Paulistano* (São Paulo, 1854-1963), uma reprise do jornal *Echo Operário*, de Covilhã, Portugal, estava mais próxima de um chiste que de notícia:

Afinal era um rato!

Lê-se no *Echo Operário*, jornal da Covilhã:

Referem-nos o seguinte fato, acontecida em uma pequena povoação deste Conselho.

Um dia ocorreu na povoação cujo nome olvidamos, que as almas de diversas pessoas que haviam morrido andavam às soltas no cemitério.

E de fato a causa para a gente supersticiosa apresentava-se com todos os visos de verdade.

Todas as manhãs e ao anoitecer, saía de baixo de uma pequena árvore, que se achava junto da parede, uma caveira que se mexia pouco e pouco, saltava de vez em quando o que fazia arrepistar as melenas no toutiço de uns, fugir outros etc.

Os mais valentes comentavam o fato, dizendo:

– É a alma da tia Angélica que emprestava *pintos* por 120 réis de juros a semana.

– Essa era uma santa mulher, dizia outro: não pode ser senão a alma do Manoel ferrador que morreu sem confissão.

– Nada, disse um velhote em sentido sentencioso, é a alma de um padre que aqui existiu em tempo, que fazia cousas... se vocês soubessem...

Nesta ocasião a caveira dá um grande pulo, e oh! Sai de dentro dela um enorme rato!

Não faltaram gritos de alegria: a eles acudiu um grande número de homens que fizeram montaria ao rato, e fizeram-lhe pagar com a vida os sustos que pregou a tanta gente crédula.¹⁷

A referência genérica ao lugar da ocorrência, a alusão a fenômenos sobrenaturais, o ambiente provinciano, tudo contribui para uma composição mais próxima à ficção. Já se vê um olhar racionalizador no cronista, como o fato de usar os termos “gente supersticiosa” e “gente crédula”, mas também é possível perceber a falta de preocupação em provar para o leitor que essa era uma notícia real, com o uso de expressões como “povoação cujo nome olvidamos”. No *fait divers*, ao contrário, a narrativa, por mais absurda e fantasiosa que pudesse ser, vinha sempre revestida de certos componentes que tentavam atestar sua veracidade, dando o cunho jornalístico que é de sua natureza.

Nesta mesma seção, Noticiário, dez anos depois, outro fato notável ocorrido na França, mas retirado de um jornal açoriano, aparece citado:

Uma menina Emplumada

Lê-se na Liberdade, jornal português (Açores)

Um homem que vive da sua pena, vê-se com frequência; mas uma pena viver de um homem, ou de uma mulher, é cousa sumamente rara. Todavia observa-se este fenômeno em Augustinha Lavir, menina de seis meses, nascida em Cherbourg.

Eis o que dela diz o Vigia periódico da localidade:

“Vimos as vinte três penas que têm crescido na cabeça desta menina. Assistimos no sábado último, em casa de seu pai, à queda da última. Provavelmente assistiremos hoje ao nascimento da vigésima quarta.

Não há nada mais curioso. Forma-se uma borbulha na nuca da criança. No momento em que a borbulha vai rebentar, sente a menina uma leve sensação de dor. Abre-se a borbulha e aparece uma pena em forma de curva e de um comprimento de 10 a 12 centímetros. É dourada nas bordas e apresenta os mais variados matizes.

Quando cai a pena, saem do buraco algumas gotas de um líquido esbranquiçado. Fecha-se imediatamente e não deixa nenhum rastro, até que se forma novamente o botão.

¹⁷ Correio Paulistano, São Paulo, 30 jan. 1870.

A criança anda com essa pena na cabeça umas vezes seis dias, outras quatro, e o mais misterioso é que a nova pena gasta tanto tempo em crescer como a anterior em cair.”

O pai da criança tencionava apresentá-la no próximo domingo aos membros da academia de medicina de Paris.¹⁸

A riqueza dos detalhes do fato fantástico, inexplicável pela razão humana, parece querer convencer o leitor da veracidade do ocorrido. Toda a estrutura da notícia é respeitada: alusão ao lugar, nome dos envolvidos, descrição da cena. O cronista dá o testemunho a fim de conferir credibilidade à ocorrência. E, ao fim, a função normativa da razão é requisitada na figura dos “membros da academia de medicina de Paris”. Isto, porém, não anula o prodígio, que não é negado, nem questionado: as penas nasciam na cabeça da pequenina Augustinha. À medicina só restava dar uma explicação, se fosse capaz. Mas em nada sua ação anula o “fato”.

No *Jornal da Tarde* (São Paulo, 1878-1881) de 1879, outro exemplo de evento sobrenatural noticiado no jornal:

COUSAS DA RUA

Um Sr. Doutor, anteontem, às 9 ½ horas da noite, ao entrar em sua casa, em um largo que, segundo as tradições, é um ninho de almas do outro mundo, dá com um vulto sinistro que lhe ronda a porta.

Homem de expedientes, doutor corre à polícia aterrado de susto, e reclama uma escolta para livrá-lo do ladrão, assassino ou alma penada que lhe fazia caretas à porta.

A polícia, acreditando na verdade da narração, pois que o narrador merece toda a fé, presta uma escolta; rompe o homem (bem acompanhado), o vulto efetivamente passeava impávido pelo largo.

Os urbanos, aos quais os cabelos eriçavam, atiram-se ao dito, e... o que seria o fantasma aterrador?

Um urbano de chapéu desabado e capote que, aproveitando as horas de descanso, fazia no largo, para onde se dirigia o visionário doutor, uns planos de uma campanha amorosa. Não é um *canard*.¹⁹

¹⁸ *Correio Paulistano*, São Paulo, 09 out. 1880.

¹⁹ *Jornal da Tarde*, São Paulo, 30 mar. 1879.

O título desta seção delimita os espaços apartados, a casa e a rua, o privado e o público, o lugar seguro e o lugar do risco. Localizada em um largo que a tradição consagra aos fantasmas, a casa do "Sr. Doutor" está ameaçada pelo perigo externo que lhe ronda a intimidade e segurança do lar. O perigo, porém, não vem só do mundo exterior à casa, situado na rua, mas de outro mundo, o dos espíritos.

As representações do terror colocam no mesmo plano os perigos da vida real e do sobrenatural: ladrão, assassino ou alma penada, tanto faz, as autoridades são chamadas a retomar a ordem perturbada. Confundem-se os eventos naturais (roubo, assassinato) e sobrenaturais (fantasmas) enquanto o elemento racional se reduz na referência ao informante que dá credibilidade ao inacreditável ou ao local. A atmosfera de sobrenatural continua na ação da polícia, na reação dos "urbanos" cujos "cabelos eriçavam" de medo. E a ação acaba com a ironia, com a confirmação de que se tratava de uma notícia: "Não é um *canard*", expressão francesa que designa notícia falsa publicadas em pequenos jornais populares de uma página, comuns no século XIX.

Esta nota foi publicada no *Jornal da Tarde* que não publicava muitos *fait divers*. Era um jornal sóbrio, que tratava de política, apesar de ter alguns contos populares em seções de variedades como Noticiário, ainda é muito lacônica, guardando um tom pessoal e provinciano, sem elementos que remetam ao real, que por sua vez continha a seção Cousas da Rua que pode ser vista como antecessora das seções de *faits divers*²⁰: o "Sr. Doutor" é uma designação vaga, o local, "um largo", é pouco definido. E mesmo com a ênfase no aspecto que tentava conferir veracidade à nota, o redator não consegue se distanciar do tom anedótico, de almanaque.

Por meio desses exemplos, vê-se que o noticiário vai tomando forma variada até chegar naquilo que se tornou a fórmula básica do sensacionalismo. O elemento universal também era recorrente – poderia ter acontecido em um lugar qualquer, em Portugal, na França ou no

²⁰ Nelson Werneck Sodré (1999) não faz referência a esse jornal. À época, era propriedade de uma associação composta por Antônio Elias da Silva, João Benedito da Veiga Cabral, João Batista Paes, Carlos Augusto Pereira de Andrade e João Raymundo de Oliveira, até 20 de setembro de 1879, quando passou a ser propriedade exclusiva de Antônio Elias da Silva.

Brasil. As reprises deixam claro que o contexto parece dispensável. É na observação da série, do seu conjunto, que o historiador pode delinear algum sentido nestas notas aparentemente inócuas e incoerentes e perceber como as seções de Variedades vão migrando para as seções de Noticiários, *Factos Diversos*, Notícias Diversas, entre outras. Buscava-se, assim, conferir um ar mais jornalístico, sem, contudo, conseguir se livrar da matriz oral-popular de forte apelo para um variado público leitor. Mas não eram só os fantasmas que assombravam as cidades. Seus representantes aqui na terra também não deixavam de causar maior espanto e, logo, viravam notícia.

Curandeiros e feiticeiras

O medo do Além continuou sendo tema explorado pelos jornais. Porém, a narrativa do jornal perdia gradativamente aquele aspecto provinciano e as histórias de fantasmas, antes em tom de anedota, ganhavam uma abordagem mais racionalizada, com maior espaço para o escândalo. Recursos como o exagero e o excesso de detalhes potencializam sua difusão, que poderia alcançar o prestígio dos grandes escândalos, situando-se no limiar da tradicional história de fantasmas e do crime bárbaro.

Um exemplo pode ser visto na *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro, 1875-1956), um dos maiores jornais da época, expressão da modernidade técnica de fins do século XIX que elevou a produção impressa a outro patamar, com a adoção de novas tecnologias de impressão e formatos, como a diagramação arejada, grandes títulos e manchetes e o crescente número de imagens. No ano de 1900, o *Diário Carioca* publicou um *fait divers* com destaque na capa, logo na primeira coluna, com o título de “Um Curandeiro que ‘se fazia chamar pomposamente de Conde Salvadori Della Baschiesa’, mas que, na verdade, era ‘apenas um aventureiro, espiritista, fanfarrão, curandeiro a passar o conto do vigário’”.²¹ Alto, tinha fala “melíflua” e não se poupava ao luxo, contraindo muitas dívidas. Era,

²¹ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 09 abr. 1900.

pois, um homem pobre em ascensão social, graças à prática vista como suspeita, provavelmente um imigrante.

No Rio, o curandeiro estava instalado num palacete na rua do Catete, elegantemente mobiliado por um português de cuja esposa o Conde Salvadori estava cuidando. Foi a morte dela “numa cura que pareceu um assassinato” que causou a intervenção policial. O jornal ainda informa que “As sessões espíritas na casa do Catete eram muito concorridas”, mas que isso não rendeu dinheiro suficiente dado que havia muita concorrência, ou seja, havia “tantas sociedades do gênero que a ignorância de uma parcela não pequena do povo soberano alimenta fartamente”.

Houve buscas e intimações, justificações, que serviam para evitar os recifes do código penal e revelações importantes da companheira do homem, uma pobre costureira de coletes que foi arrancada ao seu trabalho modesto do seu lar e obrigada a envenenar-se com fortes doses de morfina para poder servir de *médium* e com a única e misérrima compensação de se sentir chamar a senhora condessa! [...] Os jornais todos abriram uma campanha em regra contra o curandeiro espiritista, até que um belo dia as portas do palacete n. 100, no Catete, permaneceram fechadas aos insistentes empurões dos credores, que haviam demasiadamente confiado nas riquezas e nos faustos do misterioso estrangeiro.²²

Ao que parece, ele conseguiu fugir da polícia – e da imprensa que contra ele orquestrou uma campanha – e reapareceu em São Paulo onde “Deslumbrava” o mundo com “as maravilhas do hipnotismo”. Ali, também alimentou os *faits divers* e foi alvo da polícia. Escapou por supostamente “ter em mão elementos preciosos para comprometer muita gente boa, disseminando assim suspeitas e insinuações sobre senhoras da melhor sociedade e do maior respeito [...]”²³. A última notícia que tiveram do médium assassino, de acordo com os dados da *Gazeta de Notícias*, foi que ele estava no Rio Grande do Sul onde a

Constituição demasiadamente liberal sob o nobre princípio da liberdade

²² *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 09 abr. 1900.

²³ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 09 abr. 1900.

profissional, abriga toda a espécie de pseudomedicos que se lhes apresentam [...]. O que mais admira é que ninguém em São Paulo, ninguém no Rio Grande do Sul, lugares onde os jornais fluminenses são lidos e saqueados sem misericórdia as mais das vezes, absolutamente ninguém se lembrou do que havia sido escrito aqui sobre o fidalgo aventureiro.

Esta última frase diz um pouco sobre a função normativa que o cronista reivindica para o *fait divers*, uma notícia que deve informar e alertar a população. Mas parece que o formato do *fait divers* privilegia o efêmero e a informação sucumbe às formas estéticas que toma.

A primeira diferença deste *fait divers* em relação às pequenas notas anteriores é o tratamento que dá ao tema dos fenômenos espíritas. Já não é a alma penada ou fantasma que está em primeiro plano, mas o suposto médium aqui claramente estigmatizado na figura do curandeiro, termo usado à época para designar os que exerciam a medicina ilegalmente. O olhar racionalizador que defendia a medicina como ciência legítima temia os charlatães e sobrepuinha-se ao medo dos fenômenos desconhecidos, aqui chamados de “espiritistas”. Havia uma forte discriminação às manifestações religiosas desautorizadas pela Igreja católica, que quase sempre vinham associadas à ação de pessoas pobres que tentavam ganhar dinheiro fácil. É o caso da costureira que abandonou seu ofício para ser chamada de “condessa”. A nova profissão lhe resgatava a dignidade, conferindo-lhe ares de nobreza em um país recentemente saído de uma monarquia, onde estes títulos ocupavam positivamente o imaginário e conferiam *status* e altivez aos que os ostentavam. Mais do que fraude, a adoção da alcunha de “condessa” era uma fantasia do exercício de pertencimento e cidadania que nunca se efetivou aos despossuídos da República que se instaurou como esperança de igualdade e ascensão social.

Novamente, como no caso dos fantasmas “suspeitos”, a polícia é chamada à ação. Além do assassinato e logro, o caso pode ser lido face ao contexto da desconfiança e condenação jurídica das práticas mágico-religiosas. Estas ainda eram passíveis de sanções legais e a dificuldade em defini-las, uma vez que as tradições afro-brasileiras se misturaram aos

novos rituais trazidos com as levas migratórias, fazia com que a polícia ficasse sempre vigilante²⁴.

O combate ao curandeirismo acentuou-se no início do século XX, com amplas campanhas higienizadoras patrocinadas pela imprensa. Antes a polícia era chamada para investigar o evento sobrenatural – ou o que quer que se passasse por ele. Agora o foco era a magia e seus intermediários, prática e praticantes condenados como charlatanismo.

O termo “curandeiro” era geralmente aplicado para os que exerciam a medicina sem diploma, mas o estigma às religiões estava embutido nessa classificação. Muito disso se deve a uma concepção bem difundida e acreditada à época das relações entre problemas psíquicos (loucura), crime e raça (às vezes confundido com etnia). Nina Rodrigues não hesitou em defender sua teoria embasada nas concepções científicas da época para demonstrar essas conexões:

O conhecimento pessoal que tenho das manifestações sonambúlicas dos feiticeiros negros da África, estudadas no Brasil, me permitiu fazer a demonstração, que tenho por rigorosa e irrefutável, da natureza histérica desse fenômeno e da frequência da histeria ou de estados *histeroides* nos negros e nos selvagens americanos [...] Há alguns anos, durante meus estudos sobre o fetichismo dos negros brasileiros, ouvi falar com insistência de aparições de fantasmas, vistas por muitas pessoas nos *candomblés* funerários de negros africanos vivendo na Bahia. Acreditando tratar-se de um fenômeno extraordinário, me impus o dever de observar a coisa pessoalmente. Os feiticeiros ou sacerdotes, pressionados pelas minhas insistências e questões, acabaram por me confessar que tudo não passava de simulação e que o papel de fantasmas era exercido por indivíduos convintes, vestidos de longas túnicas brancas. Diante de afirmações categóricas de numerosos testemunhos dessas estranhas aparições, inicialmente acreditei que fosse uma alucinação coletiva; e é justamente e naturalmente a explicação que, na presença de fato semelhante, se apresenta aos observadores de ocasião, pouco ou nada familiarizados com os selvagens, dos quais muitas vezes não conhecem nem a língua nem os hábitos. É ainda mais natural duvidar da facilidade dessas alucinações coletivas nos selvagens, quando vemos seus sacerdotes obrigados a recorrer a verdadeiros artifícios para que acreditem

²⁴ Koguruma, 2001, p. 239.

no retorno dos espíritos.²⁵

O texto acima faz parte do artigo *Atavisme psychique et paranoïa*, publicado em francês em 1902 nos *Archives d'Anthropologie Criminelle, de Criminologie et de Psychologie Normale et Pathologique*, de Lyon e foi muito influente no debate público brasileiro, engajando a grande imprensa em torno dos fenômenos ditos sobrenaturais e do enquadramento criminal do curandeirismo. Foi precedido pelo ensaio *L'Animisme Fétichiste des nègres de Bahia* também publicado em Paris em 1890. Não cabe aqui discutir-los, mas estes textos servem de medida para se perceber a legitimidade que as instituições científicas de então davam às representações sobre as correntes históricas de fantasmas, cura, rituais e suas ligações com o racismo.

E, não por coincidência, em 1890 foi o mesmo ano em que foi publicado o novo Código Penal brasileiro que criminalizava as práticas religiosas dessa natureza. Na mesma *Gazeta de Notícias* começam a aparecer *faits divers* sobre este tipo de crime:

Ontem o subdelegado da freguesia de Inhaúma mandou apresentar ao Sr. Dr. Agostinho Vidal, chefe da polícia interino, o preto João Mendonça, que ali foi preso por suspeita de curandeirismo, visto ter sido encontrado em seu poder um saco contendo santos e diversas ervas, que, segundo ele, são medicinais.²⁶

E logo o Código Penal passa a ser citado para coibir o crime, em meio às reivindicações da liberdade religiosa dos praticantes do espiritismo²⁷ e até mesmo no engajamento de uma elite que se converte a esta religião e protege os curandeiros, sob as críticas das campanhas higienistas da imprensa.

Na freguesia do Engenho Novo acaba de dar-se mais um fato deplorável, devido às práticas do espiritismo e curandeiros adjacentes. Trata-se de uma pobre moça de 17 anos, que, tendo caído enferma, foi tratada por um curandeiro muito conhecido, antigo reincidente, já multado pela inspetoria de higiene, mas que entretanto, graças aos milagres do espiritismo em que

²⁵ Rodrigues, 2009, p. 773 e 774.

²⁶ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 15 set. 1890.

²⁷ Gomes, 2013.

é graduado, tem escapado incólume e continua impávido a propinar drogas da sua pseudociência aos incautos e aos crédulos.

Pois bem, a pobre moça, confiada a esse curandeiro, faleceu ontem, pode-se dizer sem assistência médica, e vítima de ataques de histerismo! E naturalmente o óbito já de ser atestado por facultativo habilitado, pois que o célebre curandeiro tem por si médicos conhecidos desta capital aos quais não repugna passar certificados que encubram desastres desse falso clínico! Sabemos que tem sido sempre improfícuas a denúncia destes casos pela imprensa; mas agora que no novo código penal, publicado pelo Sr. Ministro da Justiça, acham-se cominadas penas mais severas – ou mais sérias – para esses indivíduos que especulam com a vida do próximo, ousamos esperar que a inspetoria de higiene e as justiças da terra se movam para o fim humanitário de extinguir essa verdadeira chaga social.²⁸

Em oposição ao corpo fluído do fantasma, o curandeiro ou a feiticeira apareciam representados como sedutores (belos, vistosos, de fala melíflua), que se utilizavam de falsas identidades e perpetravam hediondos crimes. Nas fontes citadas, curandeiros, espiritistas e fanfarrões apareciam como sinônimos. A companheira de Salvadori também vem representada negativamente, mais como vítima do que algoz, é certo, mas seguramente como degenerada, metáfora largamente usada na época para classificar indivíduos vistos moral e/ou fisicamente como inferiores, antíteses do cidadão que deveria servir de modelo aos projetos civilizacionais. Viciada em morfina, deixou sua honesta profissão de costureira para se perder no mundo do crime. A despeito disso, não faltavam concorrentes ao Conde Salvadori, com inúmeros casos de curandeirismo noticiados em *faits divers* ruidosos. Sintoma, provavelmente, da alta demanda na solicitação de serviços deste tipo, comprovando a intensa disseminação na crença de forças ocultas.

E do medo delas: um medo traduzido na ameaça social concretizada na figura de seus propagadores. E revela as tensões no processo de idealização de uma sociedade dita civilizada, cujo padrão europeu era a referência, o que mal disfarçava o racismo e preconceito contra certas religiões. O padrão eugênico tentava se impor contra a marcante presença

²⁸ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 17 out. 1890.

de um conjunto de rituais ligados a “todo um leque de práticas mágico-religiosas e devoções populares que marcam certas atitudes individuais ou coletivas presentes no dia a dia de nossa população, que muitas vezes são consideradas pelos mais letRADOS como meras ‘superstições’ cultivadas por pessoas ‘ignorantes’ [...]”²⁹.

Desmentindo a versão da predominância de um modelo de eugenio mais branda aplicado ao Brasil³⁰, sem a adoção de segregação racial como política de estado, a perseguição aos curandeiros instituía simbólica e concretamente um tipo de *apartheid* social que não deixava espaço para aqueles que professavam sua fé sem prejudicar terceiros. A imagem de criminoso ficava indelevelmente ligada a todos os adeptos de rituais mágico-religiosos e a imprensa de escândalos foi uma das responsáveis por fixar nas seções de *faits divers* esse imaginário do medo do sobrenatural que, como se viu, tinha um passado bem sedimentado nas histórias de fantasmas. Medo ancestral que se traduzia cada vez mais em estigma e desconfiança com trabalhadores pobres em geral. Antes negros, indígenas e mestiços eram seus alvos, o que se estende aos imigrantes, fossem eles autênticos praticantes ou meros escroques aproveitadores, sem distinção.

Na mesma primeira página em que vinha publicado o *fait divers* O Curandeiro, mais de três colunas são ocupadas pela pena do jornalista Luiz de Castro, então correspondente em Paris, que se esforçou em descrever a polícia parisiense, vista como modelo a ser adotado no Brasil. Para isso, ele teve franqueada a entrada na polícia e prisões de Paris, estudo que ele publicou na *Gazeta de Notícias*:

A Polícia de Paris

Não parece provável que nossa polícia melhore tão cedo. Por certo as reformas, como os chefes de polícia, sucedem-se; mas não creio que deem resultado. Foi por isso que me pareceu interessante estudar a polícia de Paris e submeter o resultado desse estudo à apreciação dos leitores da *Gazeta*.³¹

²⁹ Koguruma 2001, p. 43.

³⁰ Souza, 2016.

³¹ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 09 abr. 1900.

Logo acima da colaboração do correspondente,vê-se uma ilustração do Pavilhão do Peru para a Exposição de 1900, na França. É o mesmo Luiz de Castro que descreve o estilo francês do prédio que representava o país latino-americano na Europa, lamentando a ausência do Brasil: "Em suma, o Peru fará boa figura. Em compensação, o Brasil... não falemos em cousas tristes."³² É nítida a orientação eurófila do jornal, mais especificamente, francófona. Defende-se um projeto de civilização e o "preto João Mendonça", o inominado "curandeiro muito conhecido" e o Conde Salvadori Della Baschiesa são o contraexemplo mais acabado disso. O fait divers atuava, como exposto acima, na chave do contraexemplo.

O espiritismo e a ciência

Não menos ameaçadora parecia a nova doutrina do espiritismo kardecista, que conheceu sua difusão no Brasil por esta época. Em um país com forte tradição em combater as práticas religiosas que não se alinhavam ao catolicismo, o espiritismo se aproximava, ao menos na aparência, às tradições das religiões africanas que admitiam a relação com um suposto universo dos espíritos de forma diferenciada daquela que era dada pela Igreja católica.

Muitos aderiram a essa doutrina de uma "religião racional", tal qual ocorreu com a Igreja Positivista. Mas não sem resistências da sociedade. Um dos principais nomes da ciência da época, Cesare Lombroso, dedicou-se a desmistificar e denunciar violentamente o espiritismo no opúsculo *Studi sull'ipnotismo* (1882). Tempos depois, porém, Lombroso muda de ideia. Sujeitou-se a experiências com a médium Eusápia Paladino e escreveu um livro favorável à prática, *Hipnotismo e Mediunidade*, de 1909, muito citado até hoje no espiritismo como forma de lhe atribuir lastro científico. Lombroso nele advoga a tese de que o histerismo, condição do médium, era um facilitador à sensibilidade aos fenômenos espirituais, numa associação entre loucura e espiritismo então muito acreditada.

³² *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 09 abr. 1900.

O hipnotismo, ainda hoje usado em alguns tratamentos psiquiátricos e terapêuticos e, portanto, pertencente à alcada da medicina, também é citado neste livro e colocado na mesma categoria do espiritismo, sendo que o médium muitas vezes usava dos dois recursos fundindo as imagens de cientista e feiticeiro, de médico e curandeiro, como no caso de Conde Salvadori. Se o médium podia ser visto como um portador de uma capacidade divina, uma sensibilidade acima do normal a qual poderia ser utilizada na cura de doenças físicas e do espírito que a medicina não dava conta de sanar, ele era também alvo de contínua desconfiança, por vezes associado a louco, por vezes a charlatão criminoso³³. As manifestações espíritas eram vistas como substitutas das “possessões demoníacas” e combatidas pela ciência como mistificação e superstição. Essa discriminação não era exclusividade brasileira. O que ocorreu no Brasil foi que à criminalização das práticas mágico-religiosas de matriz africana ou indígena, somou-se a criminalização do espiritismo que veio a reboque de sua condenação pelos grandes nomes da ciência – até que Lombroso, entre outros, virasse o jogo.

De qualquer forma, o mundo dos espíritos permanecia um tema literário muito visitado pela produção popular, em uma produção das “bordas” do mercado editorial – nem sistema canônico, mas tampouco às margens. Era uma produção massiva, voltada para temas que remontavam à produção popular tradicional e, por isso mesmo, criticada por um público de elite que via nessa produção uma corrupção dos bons valores que educação formal deveria promover³⁴. Temas e formatos desse tipo foram igualmente aproveitados no contexto da formação da sociedade midiática para as narrativas que nasceram com o jornal, como a crônica, o folhetim, o *faits divers*, a anedota, ou seja, novos gêneros do impresso que vinham na seção Variedades, e que dialogavam com a cultura popular tradicional.

João do Rio é um representante incontornável desta literatura em plena sintonia com a literatura popular que circulava pela cultura midiática

³³ Almeida, 2007, p. 67.

³⁴ Ferreira, 2010, p. 50.

brasileira e que teve no eixo Rio-São Paulo um dos mais importantes centros irradiadores do país (embora não o único) de novos padrões do jornalismo nacional desde o século XIX. Ao descrever o submundo em uma linguagem direcionada às camadas médias e de elite, seus textos constituíram-se um observatório seguro das mazelas sociais para aqueles que não se aventuravam para além dos limites do espaço urbano considerado ao abrigo da violência. Havia, portanto, um intenso deslizamento³⁵ dos temas entre os suportes e, no mesmo suporte, entre os gêneros. Contudo, ao contrário dos livros populares de magia, João do Rio não queria ensinar a magia, mas descrever exaustivamente as práticas a ela associadas para decifrar esse mundo misterioso para aqueles que julgavam não ter qualquer relação com ele, conferindo-lhe roupagem moderna.

Essa gente cura, salva, desfaz as desgraças, ergue o véu da fortuna, faz esperar, faz crer, vive em prédios lindos, em taperas, em casinholas – é o conjunto das pitonisas modernas, as distribuidoras de oráculos. Em meio tão variado há de haver ignorantes – a maioria – cartomantes que veem nas cartas caminhos estreitos e caminhos largos e não sabem nem distribuir o baralho, sonâmbulas falsificadas, portuguesas e mulatas que se apropriam dos moldes dos africanos, e mulheres inteligentes que conversam e discutem. Frequentei os templos do futuro. Só em uma semana visitei oitenta, encontrando-os sempre cheios de fiéis. O caleidoscópio alucinante das adivinhas faz a vida livremente. Em algumas casas encontrei três e quatro, girando sob uma única firma.³⁶

A sede de descrição da modernidade, de tudo ver, tudo saber, tudo analisar, encontrava nesta literatura e nos *faits divers* que a inspiravam uma via eficaz de acesso a dados antes restritos às autoridades policiais. Ora, o próprio *fait divers* funcionava desse modo, abrindo uma janela para o submundo. Esse trânsito pelas regiões do grotesco da sociedade causava repulsa dos que defendiam um suposto bom gosto, mas não era

³⁵ Kalifa, 1995.

³⁶ Barreto [João do Rio], 1976, p. 62. Crônica originalmente publicada no diário *Gazeta de Notícias*, 10 abr. 1904.

suficiente para impedir o *voyeurismo* do leitor que se deleitava com as escandalosas notícias recheadas de detalhes que tanto a imaginação do jornalista como do leitor se encarregava de completar.

No *fait divers* abaixo, publicado no sensacionalista *Gazeta de Notícias*, as representações fixadas por João do Rio, que associam a prática da feitiçaria com crime, circulam sem problemas pela seção *Factos Diversos*. É possível, inclusive, que seja ele próprio o autor, visto que estava na *Gazeta de Notícias* desde 1903:

Um Antro de Feitiçaria Bruxedos e mandingas. Vítimas do veneno

Ainda há pouco, pela *Gazeta*, João do Rio desnudou a vida dos antros desta cidade contando com todas as suas cores o que é a feitiçaria praticada quase sempre por negros que fazem disso, entre eles, uma religião e para os outros, os doentes do corpo e da alma, uma profissão rendosa.

Vemos agora um quadro de feitiçaria em que as vítimas pelos dois conhecidos da polícia [sic], que se meteu no coro e arrostando com todas as consequências más, prometidas pelos feiticeiros, agiu energicamente contra essa perigosa gente, representada nesse caso por uma pitonisa de cor do ébano.

Este caso foi passado ou está se passando ainda no bairro que tem ocupado a atenção pública de há dias para cá – foi em Botafogo.

Há alguns meses que vivia explorando a credibilidade doentia de certa gente, uma negra de cerca de 40 anos, de nome Eufrásia Antonia Mercedes, que para isso armou sua barraca de bruxaria e mandinga, num dos cômodos da casa nº 121 da rua de S. Clemente, onde recebia grande quantidade de clientes.³⁷

O estigma ao curandeirismo se desdobrava no estigma contra a mulher negra, a “pitonisa cor de ébano”, contra seus clientes, cuja “credibilidade doentia” é destacada pelo jornalista, e às práticas das religiões afro-brasileiras. Sua descrição minuciosa segue pelo interior da casa de Eufrásia Antonia Mercedes, revelando o olhar de estranhamento frente ao “outro” como quando sublinha a existência de “Oratórios com imagens esquisitas”. É possível notar que os envolvidos são considerados “perigosa gente” não só por estarem praticando um crime previsto em lei,

³⁷ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 jan. 1905.

o curandeirismo, mas por “todas as consequências más, prometidas pelos feiticeiros”. O medo não é só do crime, mas do feitiço.

Muito procurada para os “casos de amor”, a acusada descrita pelo *fait diversier* como pitonisa cor de ébano estava sendo tema deste *fait divers* devido à denúncia de duas mulheres que se submeteram a seus tratamentos. As enfermas “Beatriz da Conceição e Ambrosina Cabral” tomaram as bebeções, “venenos” que a “tia Eufrásia” deu e ficaram doentes. A segunda ficou em coma e “foi dada como morta”. Para retomar a ordem, foram chamados o médico e o delegado “fazendo prender a bruxa”.

Ali interrogada, declarou a feiticeira contar com a proteção de S. Cipriano, santo esse que lhe abriria as portas de todas as prisões. Revistada a feiticeira encontraram em seu poder algumas drogas venenosas. No peito, colado à pelo (sic), estava já podre um bacalhau: era um dos seus talismãs. As duas vítimas vão ser submetidas a corpo de delito.³⁸

Esta fonte dá muitas referências que vão além da discriminação de cor e de classe que se sedimentava no novo contexto do Brasil republicano em substituição à discriminação legal que vigorava durante o Império, como a que instituía a escravidão. Havia aí uma tentativa de racionalização e criminalização de uma tradição bem brasileira, das macumbas e mandingas. Diferentemente do “espiritista” Conde Salvadori, a Tia Eufrásia não revestia sua prática com a autenticação da ciência.

Por este motivo, este *fait divers* pode ser interpretado como parte de um conjunto de narrativas que institucionalizavam a perseguição às práticas perpetradas “quase sempre por negros”, expediente comum durante a Colônia e o Império brasileiros, que ganhavam a chancela do racismo científico e que tiveram na imprensa o espaço de debates privilegiado na conquista e formação da opinião pública. Não era apenas o mundo do trabalho e seus conflitos sociais que estavam em questão, mas a sobrevivência de um imaginário que legava a tais práticas o interdito. E ele é retomado sob a linguagem da descrição exaustiva – que lembra a

³⁸ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 jan. 1905.

ânsia de controle dos inquisidores sobre os suspeitos, cuja função era de domínio pelo aprendizado sobre o misterioso e supostamente ameaçador mundo da magia popular.

A representação da “barraca de bruxaria e mandinga” de tia Eufrásia em um cômodo – provavelmente de um cortiço – de Botafogo faz lembrar os processos que se incutiam aos terreiros à época colonial, como a invasão e devassa a um calundu do Pasto de Cachoeira, no Recôncavo Baiano em 1785³⁹. As sobrevivências africanas eram frequentemente associadas ao imaginário medieval difundido pela Inquisição, como os sabás (do hebraico, *shabbaths*), orgias e encontros diabólicos⁴⁰. O poder do mau-olhado, da mandinga, de maldições e encantamentos eram crenças difundidas e que, na longa duração, chegaram aos tempos republicanos. Da mesma forma que se acreditava que a magia poderia ser usada para a cura, o medo gerado pelos efeitos contrários não era pequeno. Neste caso, contando com a convivência de pessoas de projeção social, sobreviviam em plena cidade.

O mesmo ocorre com tia Eufrásia ou Conde Salvadori: a despeito de tais práticas serem legal e moralmente condenáveis pelos códigos da época, havia uma rede de clientes que delas usufruía, contribuindo para sua existência e proteção. Portanto, a repressão higienizadora que visava banir as práticas tradicionais do espaço público da cidade moderna contava com a cumplicidade estabelecida pela tradição que abria, assim, brechas para tais práticas sobreviverem como resistências.

A rede de proteção se completava com o apelo às entidades, aos espíritos, sejam santos ou demônios. E, também, ao *Livro de São Cipriano*. A figura do santo – mestre na magia, pactuado com o Diabo, convertido ao cristianismo e enfim canonizado – desliza entre o bem e o mal, mais para o mal, o que lhe legou um lugar à margem no panteão católico. Seu grimório, não menos interdito, circulava num livro popularíssimo em vários países do mundo, legado da cultura ocidental que teve no Brasil também seu reconhecimento, sendo editado em diversas adaptações por

³⁹ Reis, 1988, p. 57-81.

⁴⁰ Souza, 1986, p. 259.

editoras populares devido ao sucesso garantido de vendas⁴¹. A simples alusão a seu nome, porém, colocava em curso toda uma referência ligada ao ocultismo e ao mundo desconhecido dos espíritos, nada positiva no contexto racional, como o próprio João do Rio constata:

Mas o que não sabem os que sustentam os feiticeiros, é que a base, o fundo de toda a sua ciência é o *Livro de S. Cipriano*. Os maiores *alufás*, os mais complicados pais-de-santo, têm escondida entre os tiras e a bicharada uma edição nada fantástica do S. Cipriano. Enquanto criaturas chorosas esperam os quebrantos e as misturadas fatais os negros soletram o S. Cipriano, à luz dos candeeiros [...].⁴²

Se tia Eufrásia o citou como forma de proteção ou não, se foi apenas uma invenção do jornal, o fato é que este dado fornecido pelo jornalista é plausível porque estas imagens têm larga circulação pelo imaginário e são identificadas imediatamente a rituais de magia negra. Mesmo que o grimório citado também inclua “magia branca”, o que fica gravado na memória coletiva é que o livro dá receitas poderosas a qualquer um que se disponha a aprendê-las e se constitui, num contexto em que magia era ligada a ações deletérias, em uma escrita condenável e ameaçadora, identificada prontamente à cultura popular tradicional que se quer afastar do ambiente da cidade.

A citação a João do Rio também não é gratuita: ele evoca uma tradição já bem disseminada na França para o contexto brasileiro, a de transformar o *fait divers* em literatura. E o jornalista da *Gazeta de Notícias*, remetendo-se a ele, evidencia esse deslizamento de temas pelo universo da cultura popular (isso se não for ele próprio o redator, como já foi observado). Ficção, as crônicas de João do Rio compõem uma série com o *fait divers* do Conde Salvadori. Durante os anos que os separam, vários outros casos de campanhas contra o curandeirismo puderam ser observados neste jornal.

⁴¹ Ferreira, 1992.

⁴² Barreto [João do Rio], 1976, p. 13.

Dentro desta classificação de “curandeirismo” se confundem várias práticas religiosas. Seu tratamento como prática criminosa tem relação não apenas com as consequências dela resultantes, como pessoas feridas, mortes, envenenamentos, etc., mas também com essa tradição de combate que se estabeleceu bem antes da República, quando o catolicismo tinha ascensão direta sobre as questões jurídicas por meio do direito canônico.

O fait divers não é um simples espelho da realidade, embora, quando visto em sua repetição, possa revelar aflições com os tempos que se apresentam. Ele coloca em curso um imaginário recorrente adaptado às questões da atualidade. Todos conviviam com o que chamavam de curandeirismo, mas a ação das autoridades rompia com a normalidade em um jogo ambíguo que se repetia desde o passado colonial, dando continuidade à tradição de criminalização das práticas religiosas contrárias ao catolicismo sinalizando, porém, nesses novos tempos, uma leitura científica para a intolerância religiosa. Assim, é perfeitamente compreensível que, em uma cidade do interior de São Paulo, Salto de Itu, a prisão de curandeiros se tornasse um escândalo midiático, “A ação da polícia contra um curandeiro determinou grande agitação na cidade”⁴³. A opinião pública é chamada a compor a ação repressora e é, ao mesmo tempo, permeável às resistências. A *mise en spectacle* novamente coloca em curso um modelo e um contramodelo.

De outro lado, temos um período coalhado em novas descobertas científicas, algumas bastante misteriosas como a eletricidade, ondas magnéticas e a imagem em movimento. O espiritismo e o hipnotismo, cuja roupagem científica os afastava do curandeirismo e feitiçaria tradicionais, ficavam nesta fronteira entre o sublime e o assustador, entre o fantástico e o ameaçador. Na dúvida, eram condenados. Mas não faltaram os que questionaram sua condenação em nome de uma objetividade científica, como, de resto, o fez o próprio Lombroso.

⁴³ *A Gazeta*, São Paulo, 15 out. 1915.

Escândalo e *faits divers*

Cabe lembrar que sensacionalismo e o escândalo não são prerrogativas dos *faits divers*, outros gêneros do impresso comportam o exagero e a narrativa inchada: folhetins, gazetas dos tribunais, romances, etc. E, como aqui se tentou demonstrar, *faits divers* não é sinônimo de narrativa de crimes, embora geralmente assim seja definido. Neste tipo de narrativa é possível achar temáticas de outra ordem como prodígios e o banal cotidiano.

Muitos jornais comerciais publicavam estas narrativas que caminham entre a informação e a ficção com a mesma facilidade de um folhetim, do qual o *fait divers* é primo-irmão. Enquanto o folhetim se inspira na realidade, mas é ficção, o *fait divers* é o contrário, se coloca como notícia, como um relato do real, embora invente muito. O *fait divers* tem um elemento estrutural e de apelo universal que se repete e que dialoga com a cultura popular tradicional, de matriz oral e que ao lado do rumor, da fofoca, do causo passa a ser um campo aberto para a invenção. É o “disque-disque”, o “ouvi dizer”, a informação sem comprovação, sem checagem.

Sua linguagem é muito visual, com detalhes que tentam reconstruir a cena do acontecimento na mente de quem lê ou ouve. É uma narrativa cheia de detalhes e de tom agônico, recurso mnemônico que veio da comunicação oral e que facilita sua difusão e reprodução, alimentando a conversação e sociabilidade. Tem temas familiares, de interesse humano, como alerta Bourdieu⁴⁴: eros e tânatos, amor, morte, paixão, crimes, desastres, eventos extraordinários, prodígios, almas de outro mundo, mortos-vivos, gêmeas siamesas, tragédias e comédias. Enquanto ele entende a derrisão como deletéria por transformar a informação em alvo de mero entretenimento, a presente abordagem prefere compreender o fenômeno sem fazer juízo. O que interesse é a constatação de que o sucesso da fórmula se dá também pela presença de resquícios da cultura popular tradicional, o que faz com que o que era para ser informação se

⁴⁴ Em tom de crítica, ainda sob a abordagem mais comum que privilegia a noção de alienação e manipulação do público, Bourdieu, 1996.

confunda com anedota, com o causo, com a invenção, algo que não é sério, emulando a linguagem do almanaque.

Abordagens estruturalistas foram pioneiras em resgatar o elemento essencial dos *faits divers* como Merleau-Ponty⁴⁵, George Auclair e Roland Barthes. E foi a produção dos anos de 1980 e posterior que continuou o estudo do *fait divers* sob um ponto de vista transdisciplinar, com tratamento serial das fontes, resgatando sua historicidade, a exemplo de Marc Ferro, Michelle Perrot, Dominique Kalifa, Anne-Claude Ambroise-Rendu, entre outros.⁴⁶

As bases do jornalismo moderno se assentaram em larga medida no crescente espaço para o entretenimento, narrando fenômenos que não eram considerados sérios, como política ou economia, por exemplo, mas que tinham larga aceitação do público. E, malgrado o “efeito de real” que “está no coração da missão que se atribui à narrativa de *fait divers*”⁴⁷, as representações neles presentes nem sempre coincidem com a realidade. O debate gerado com essas notícias, por sua vez, forma opinião e molda os imaginários, além de vender muito mais jornais.

Em termos técnicos, tem-se que as notas curtas, de tom anedótico, cedem espaço para vários títulos, subtítulos, descrição detalhada da ocorrência, depoimentos de testemunhos e envolvidos direta ou indiretamente, ilustrações e fotografias, numa ansiosa busca pela verdade e por saber mais daquilo que, desconhecido, causava medo dos mortos e dos vivos.

⁴⁵ Ponty, 1993 [1960]; Auclair, 1970 [1963]; Barthes, 1964, pp. 188-197.

⁴⁶ Ver Guimarães, 2019.

⁴⁷ Ambroise-Rendu, 2004, tradução nossa.

Referências

Jornais

- Courrier du Brésil – politique, littérature – revue des théâtres – sciences et arts – industrie – commerce, Rio de Janeiro, 1854 a 1862. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709719&pesq=&pagfs=1>. Acesso em: 20 ago. 2025.
- Diário de S. Paulo, São Paulo, 1865 a 1878. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709557&pesq=&pagfs=1>. Acesso em 20 ago. 2025.
- Correio Paulistano, São Paulo, 1859-1969. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em : 20 ago. 2025.
- Jornal da Tarde, São Paulo, 1870-1889. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=713120&pesq=&pagfs=1>. Acesso em : 20 ago. 2025.
- A Gazeta, São Paulo, 1914-1933. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=763900&pesq=&pagfs=1>. Acesso em : 20 ago. 2025.
- Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 1875-1956. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=103730&pesq=>. Acesso em: 20 ago. 2025.

Bibliografia

- ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva de. "Uma fábrica de loucos": psiquiatria x espiritismo no Brasil (1900-1950). 2007. 225f. Tese (Doutorado em História). Universidade de Campinas, Campinas, 2007.
- AMBROISE-RENDU, Anne Claude. Petits Récits des Désordres Ordinaires – les faits divers dans la presse française des débuts de la IIIe République à la Grande Guerre. Paris: Éditions Seli Arslam, 2004.
- AUCLAIR, George. Le Mana Quotidien – structures et fonctions de la chronique des fait divers. Paris: Éditions Anthopos, 1970 [1963].
- BARRETO, Paulo [João do Rio]. As religiões do Rio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.
- BARTHES, Roland. Structure du fait divers. In BARTHES, Roland. Essais Critiques. Paris: Seuil, 1964. p. 188-197.
- BOURDIEU, Pierre. Sur la télévision: suivi de l'emprise du journalism. Paris: Liber,

1996.

CAMPBELL, Joseph W. Puncturing the myths, defining the legacies. Westport: Praeger Publishers, 2001.

FERREIRA, Jerusa Pires. Cultura das Bordas – edição, comunicação, leitura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

FERREIRA, Jerusa Pires. O Livro de São Cipriano: uma legenda de massas. São Paulo: Perspectiva, 1992.

FERRO, Marc. Présentation – dossier Fait divers, Fait d'histoire. *Revue Annales. Histoire, Sciences Sociales*, Paris, v. 38, n. 4, p. 821-826, 1983.

GOMES, A. A criminalização do Espiritismo no Código Penal de 1890: as discussões nos periódicos do Rio de Janeiro. *Revista Eletrônica História Em Reflexão*, Dourados, v. 7, n. 13, p. 1-16, 2013. Disponível em <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/2513>. Acesso em: 20 ago. 2025.

GUIMARÃES, Valéria. Apresentação – Mera espumas das ondas ou uma história cultural do crime. In KALIFA, Dominique. A tinta e o sangue: narrativas sobre crimes e sociedade na Belle Époque. São Paulo: Ed. Unesp, 2019.

GUIMARÃES, Valéria. Notícias Diversas: suicídios por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez. São Paulo: Mercado de Letras, 2013.

GUIMARÃES, Valéria. Primórdios da história do sensacionalismo no Brasil: os faits divers criminais. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 16, n. 29, p. 103-124, 2014, disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/34324>.

KALIFA et al. La civilisation du journal: histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle. Paris: Nouveau Monde, 2011.

KALIFA, Dominique. L'Encre et Le Sang – récits de crimes et société à la Belle Époque. France: Éditions Fayard, 1995.

KOGURUMA, Paulo. Conflitos do imaginário: a reelaboração das práticas e crenças afro-brasileiras na “metrópole do café” – 1890-1920. São Paulo: Annablume, 2001.

MERLAU-PONTY, Maurice. Signes. Paris: Gallimard, 1993 [1960].

MOLLIER, Jean-Yves. Introduction. In MOLLIER, Jean Yves, Lüsebrink, Hans-Jürgen, MIX, York-Gothart, SOREL, Patricia. *Les lectures du peuple em Europe et dans les Amériques (XVII-XX siècle)*. Bruxelles: Éditions Complexe/CHCSC/UVSQ, 2003, p. 11-13.

NEVES-LOPES, Cláudia. L'Almanaque brasileiro Garnier: simple transfert culturel

ou adaptation d'un genre européen au Nouveau Monde? In MOLLIER, Jean Yves, Lüsebrink, Hans-Jürgen, MIX, York-Gothart, SOREL, Patricia. *Les lectures du peuple em Europe et dans les Amériques (XVII-XX siècle)*. Bruxelles: Éditions Complexe/CHCSC/UVSQ, 2003. p. 185-191.

PADILHA, Márcia. *A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001.

PEREIRA. Mateus Henrique de Faria. *A máquina da memória – Almanaque Abril – o tempo presente entre a história e o jornalismo*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2009.

PERROT, Michelle. *Fait divers et histoire au XIXe siècle*. *Revue Annales. Histoire, Sciences Sociales*, Paris, v. 38, n. 4, p. 911-919, 1983.

REIS, João José. *Magia Jeje na Bahia: a invasão do Calundu do Pasto de Cachoeira*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 57-81, 1988.

RODRIGUES, Nina. *Atavismo psíquico e paranoia. História da Psiquiatria – Revista latino-americana de psicopatologia fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 766-789, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142009000400012>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SALMAN, Jeroen. *Information, éducation et distraction dans les almanachs hollandais au XVIIe siècle*. In MOLLIER, Jean Yves, Lüsebrink, Hans-Jürgen, MIX, York-Gothart, SOREL, Patricia. *Les lectures du peuple em Europe et dans les Amériques (XVII-XX siècle)*. Bruxelles: Éditions Complexe/CHCSC/UVSQ, 2003. p. 49-75.

SARLO, Beatriz. *Una modernidade periférica – Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2020 [1988] (EPUB).

SARRAZIN, Véronique. *L'exemple des Étrennes parisiennes: succès, évolution*. In MOLLIER, Jean Yves, Lüsebrink, Hans-Jürgen, MIX, York-Gothart, SOREL, Patricia. *Les lectures du peuple em Europe et dans les Amériques (XVII-XX siècle)*. Bruxelles: Éditions Complexe/CHCSC/UVSQ, 2003. p. 39-47.

SCHWARTZ, Vanessa R. *O espectador cinematográfico antes do aparato do cinema: o gosto do público pela realidade na Paris fim-de-século*. In CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanessa R. (org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001 [2010].

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na Metrópole – São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 [1992].

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Laura de Mello e. O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, Vanderlei Sebastião. A eugenia brasileira e suas conexões internacionais: uma análise a partir das controvérsias entre Renato Kehl e Edgard Roquette-Pinto, 1920-1930. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 23, n. Suppl 1, p. 93-110, dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702016000500006>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SUSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Disponibilidade de dados

Os dados e demais informações obtidas para o presente estudo estão no próprio texto.